

A CERÂMICA MEDIEVAL NO MEDITERRÂNEO OCIDENTAL

LISBOA, 16 - 22 DE NOVEMBRO 1987



CAMPO ARQUEOLÓGICO DE MÉRTOLA

Ficha técnica:

Coordenação - Luis Alves da Silva

Rui Mateus

Design gráfico - Rui Mateus

Secretaria/Processamento de texto: M^a da Graça Colaço

Composição - Gabinete de design / C.A.M.

Impressão e acabamento: Rainho & Neves, Lda / Santa Maria da Feira

Edição - Campo Arqueológico de Mértola

Exemplares - 500

Depósito legal - 51346/91

Ilustração da capa:

Tijela do século XI, de provável origem tunisina (Museu de Mértola)



A CERÂMICA MEDIEVAL NO MEDITERRÂNEO OCIDENTAL

LISBOA
16 -22 novembro 1987

Edição:
CAMPO ARQUEOLÓGICO DE MÉRTOLA

Apoio:
ASSOCIAÇÃO DE DEFESA DO PATRIMÓNIO DE MÉRTOLA
CÂMARA MUNICIPAL DE MÉRTOLA
COMISSÃO DE COORDENACÃO DA REGIÃO ALENTEJO
FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
INSTITUTO PORTUGUÊS DO PATRIMÓNIO CULTURAL
JUNTA NACIONAL DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA

1991

Tema 4

A cerâmica medieval em Portugal

As escudelas medievais de Faro. Sua função e áreas de distribuição

Teresa GAMITO

Resumo: As chamadas escudelas ou escudillas em majólica ou apenas em simples barro de cor melada, são bastante comuns em contextos medievais portugueses ou espanhóis dos séculos XIV a XVI. Estas taças tornaram-se, de um modo geral, num traço característico dos seus estratos de ocupação na época, quer nos povoados continentais, onde estas formas cerâmicas se tornaram extremamente populares durante aqueles séculos, como também em todos os pontos dos primeiros contactos coloniais de portugueses e espanhóis, quer na costa de África como da América, aspecto para o qual certamente muito contribuiu a robustez e forma prática destas tigelas, permitindo o seu fácil empilhamento e transporte.

Assim, esta cerâmica tornou-se um artefacto diagnóstico seguro da época, e a sua ocorrência em estratos correspondentes na cidade medieval de Faro, vêm corroborar a ideia quanto ao seu uso generalizado e funcional.

Abstract: The so called escudelas or escudillas, either of majolica or plain glazed ware, these mostly honey-coloured, are quite common in Portuguese or Hispanic medieval contexts of the 14th to 16th centuries. These bowls have become a clear feature in the corresponding occupation layers of the main population centres of Portugal and Spain, and especially in the first colonial settlements of these two countries. So, these wares seem to have become very popular along those centuries, first as direct imports from Italy but soon locally copied, and also because of their robust forms and pastes, which have mostly contributed for their easy transport and large distribution all over world, namely the coastal points of Africa and America.

The occurrence of these wares in the medieval town of Faro, in clear stratigraphic sections, reinforces these functional and popular purposes.

Introdução

As escudelas em majolica e barro vidrado cor de mel têm sido objecto de estudos diversos, em especial por investigadores americanos, por constituírem um índice seguro de ocupações coloniais Portuguesas e Espanholas dos séculos XV e XVI (Fairbanks 1973, Redman 1980, Boone 1984). Medievalistas europeus também lhes têm conferido uma atenção especial por estas escudelas constituírem um tipo de artefacto diagnóstico característico de contextos dos séculos XIV a XVI, por representarem influências mediterrânicas diversas e principalmente por se terem desenvolvido grandes centros de produção e exploração em Itália, Sul de França, costa levantina e ilhas Baleares. Portugal teve também os seus centros produtores de escudelas de majólica, mas segundo Reinaldo dos Santos (1963), cedo passou a copiar prioritariamente modelos orientais, nomeadamente chineses.

Localização

No códice das cantigas de Afonso X guardado no Escorial, encontra-se uma miniatura da antiga cidade de Faro, ilustrando o milagre de St^a. Maria d'Al Harum, que a celebrizou. Até se pode observar o casario que se comprimia por detrás das suas muralhas, rodeadas pelo mar.

Cidade populosa e activa, centro urbano famoso desde a Antiguidade, a antiga Ossonoba sempre patenteou a sua grandiosidade (Alarcão 1973, 80) como o atestam as numerosas referências que lhe são feitas pelos autores clássicos às suas prósperas indústrias, os vestígios arqueológicos e as inscrições ali encontradas, a cunhagem de moeda própria.

As características geomorfológicas da zona em que se implanta a cidade de Faro decerto contribuíram para a sua localização no que foi outrora uma pequena ilha só acessível por mar, ou a ponta avançada de uma península, constituída por sedimentos arenosos, só acessível por terra durante a maré baixa. As características específicas da sua localização constituíram igualmente a sua maior defesa, reforçada pelo labirinto de canais que a ela conduziam, conferindo-lhe assim uma excelente situação estratégica.

Faro foi assim sempre densamente povoada e cedo se tornou num importante centro comercial, administrativo e religioso, expandindo-se pela terra firme um pouco mais além.

A planta feita de memória por Gualdim Ferreira, e reproduzida por Baptista Lopes no século XIX, não foge muito ao seu verdadeiro traçado, ainda observável nas suas plantas mais antigas. Também então o poder administrativo se localizava na zona antiga entre as muralhas, e as casas

senhoriais na zona de terra firme.

O escoamento das pequenas ribeiras que se formavam por vezes apenas na época das chuvas, ligando-se na Ria aos canais de acesso ao mar, muito deve ter contribuído, para que na antiga toponímia da cidade se encontrassem referências a diversas pontes, atestando o forte carácter lacustre da cidade (Pinheiro Rosa 1975).

Este aspecto é também reproduzido nas gravuras antigas que inclusivamente até ao final do século XIX mostram barcos de razoável calado varados na praia, no actual largo de S. Francisco. Essa praia só deixou de existir após a construção da linha férrea que liga Faro a Vila Real de Santo António, construída em 1903. Escadas de vários ancoradouros existiam mesmo junto às muralhas, especialmente no lado oeste.

Nos períodos conturbados da época medieval a parte amuralhada da cidade devia ter contido grande parte da sua população, se não de uma forma permanente, pelo menos nos momentos de maior insegurança. Foi isso que teve oportunidade de verificar nas escavações realizadas em Faro em 1984, 1987 e 1988.

As primeiras escavações efectuadas na cidade medieval, no largo da Sé, fronteiras ao paço episcopal, foram dirigidas por Abel Viana em 1933, logo continuadas por Mário Lyster Franco em 1940 e posteriormente retomadas por Bairrão Oleiro e Gonçalo Lyster Franco em 1969, (Planta 1, 1). Foi assim posta a descoberto a zona do Forum romano: o podium e a sua escadaria de acesso. Os materiais depositados no Museu Arqueológico e lapidar Infante D. Henrique de Faro mostram que Abel Viana atingiu níveis muito anteriores aos romanos: essencialmente das épocas púnica e ibérica. Muitas cerâmicas medievais foram também recolhidas, entre elas numerosas escudelas dos séculos XIV a XVI.

Escavações de salvamento recentemente efectuadas em Faro, no âmbito de um projecto de investigação sobre as origens e desenvolvimento da cidade, forneceram estratigrafias seguras: a da Horta da Misericórdia (Planta 1, 2) em 1984, e a do Prédio da Judiária (Planta 1, 3) em 1987, e que vieram confirmar a compressão e sucessivas ocupações da cidade, constantes nos seus diferentes níveis estratigráficos.

Enquanto que a escavação efectuada na área do Prédio da Judiária em cerca de 108 m², e apenas terminada a 30/09/87, (Fig. 2) foi particularmente relevante para os níveis anteriores ao século XIV uma vez que os trabalhos da terraplanagem da limpeza do terreno atingiram essencialmente os níveis superiores, removendo a maior parte dos estratos entre os séculos XIX e XVI/XV, no entanto, a escavação efectuada na zona da Horta da Misericórdia em 1984 (Fig. 3) apresentou uma sequência de níveis de ocupação bastante completa desde o século XIX.

A escavação da Horta da Misericórdia, ocupando uma área muito mais restrita, apenas 16 m², revelou-se de grande interesse por apresentar uma estratigrafia segura, sem remeximentos desde o século XVIII.

As escudelas medievais

Verificou-se assim que as escudelas de majólica se situavam exactamente entre os séculos XIV/XV e XVI. A partir do século XVI, parece terem sido preteridas por idênticas formas chinesas, pois desaparecem totalmente sendo substituídas pelas tigelas de porcelana chinesa azul e branca, muito mais delicadas.

Em todas as escavações efectuadas em Faro e atrás referidas foram encontradas escudelas de majólica e algumas, menos frequentes e mais tardias, de barro revestidas de vidrado côr de mel (melado).

Vou aqui referir-me apenas e exemplificativamente aos tipos mais frequentes:

As escudelas são pequenas tigelas de forma extremamente robusta: uma taça baixa com base sólida e carena na face exterior, concava no interior, de paredes espessas. A sua forma parece ter contribuído para um transporte e armazenamento fácil, pois são muito resistentes e empilháveis. Este tipo de cerâmicas tornou-se num índice seguro de contactos e presença de Portugueses e Espanhóis, na época dos Descobrimentos e início da colonização de terras distantes: assim encontram-se no Norte de África (nomeadamente em Alcácer-Seguer e Ceuta) (Boone 1984, Redman 1980), nas costas orientais e ocidentais de África e da América Central (Deagan 1987), persistindo aqui o seu fabrico até ao século XVIII.

O vidrado apresenta-se translúcido por vezes com ligeiras tonalidades esverdeadas (Fig. 3, a), diâmetro (16 cm), outras mais opacas (Fig. 3, b), diâmetro (14 cm) parecendo conter uma percentagem mais elevada de óxido de estanho; outras ainda apresentam uma decoração em desenhos geométricos ou arabescos (Fig. 3, c e d), diâmetro (16 cm), em azul escuro e negro. Algumas formas com vidrado côr de mel (melado) apresentam um pega característica numa espécie de repuxado, diâmetro (13,5), um pouco mais espesso e trabalhado de cada lado (Fig. 4).

Este último tipo parece surgir um pouco mais tardia e simultaneamente com pratos de bordo também de majólica, como veremos a seguir.

A função destas escudelas parece ter sido aquela mais frequentemente representada nos quadros dos pintores da época, como por exemplo no quadro de S. Cosme e S. Damião do Museu Machado de Castro. Tratavam-se de autênticos pratos ou malgas para a sopa ou para alimentos acompanhados de bastante líquido. Constituíram assim um equipamento básico, simples e funcional, de fácil transporte e armazenamento. Daí a sua popularidade em toda a área da expansão colonial portuguesa e espanhola.

Com a aquisição de hábitos mais requintados foi preterida pela taça de porcelana chinesa ou pelo prato mais largo e aberto, também de majólica como vemos na Fig. 5.

Conclusão

Sendo um tipo de cerâmica cuja técnica de fabrico se tornou conhecida no mundo islâmico em especial no Próximo-Oriente, no séc. IX, cedo passou ao Sul de Itália e Sicília, tornando-se uma forma muito divulgada e fabricada em vários pontos do Mediterrâneo Ocidental, inclusive Espanha e Portugal. Inicialmente importadas da Itália, cedo tiveram grande divulgação entre os fabricantes de louças peninsulares. As escudelas de majólica tornaram-se assim num artefacto diagnóstico de grande importância na difinição cronológica de níveis medievais dos séculos XIV a XVI, testemunhando intensos contactos comerciais com as cidades italianas, nomeadamente da Toscana, com cujas formas mais se aproximou.

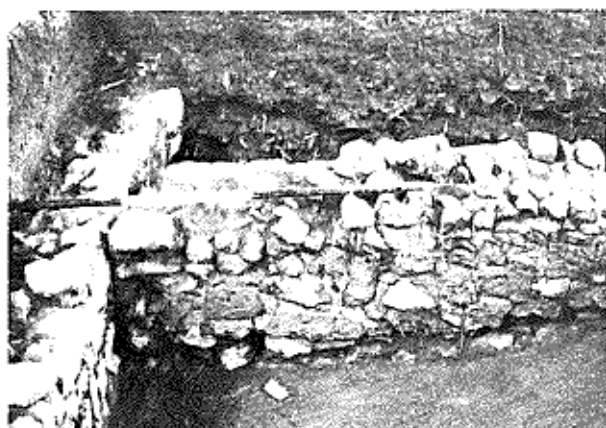


Fig. 1 - ASPECTO DAS ESCAVAÇÕES NA ÁREA DA SEDE DA POLÍCIA JUDICIÁRIA: níveis medievais e tardo romanos

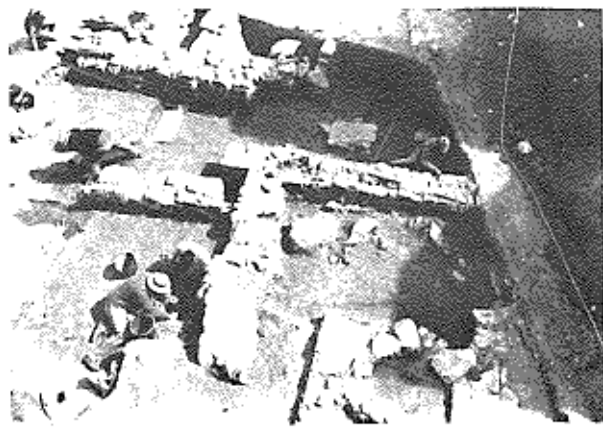


Fig. 2 - ESCAVAÇÕES NA HORTA DA MISERICÓRDIA (1984)

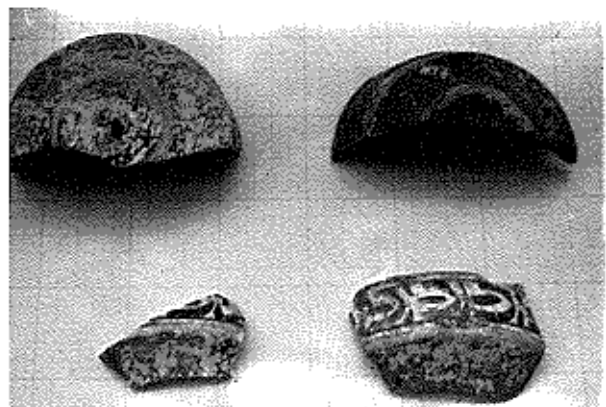
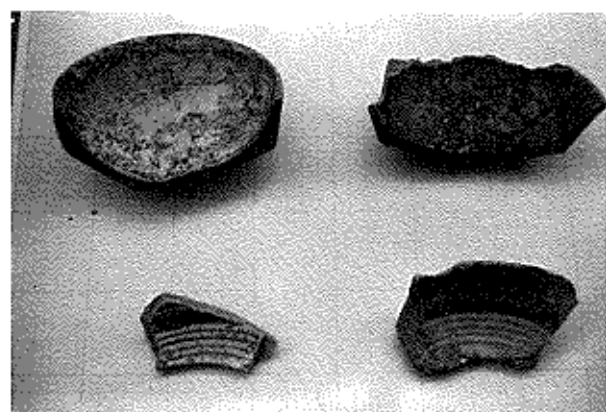


Fig. 3 - ESCUDELAS MEDIEVAIS DE FARO: verso e reverso (A partir de cima, da esquerda para a direita: a, b, c e d.)



Fig. 3' - ESCUDELA, figura 3a, com maior detalhe. De salientar a mancha esverdeada junto ao bordo.

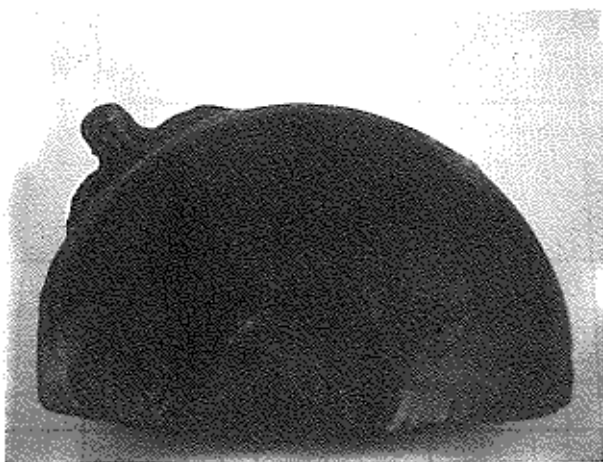


Fig. 4 - ESCUDELA DE BARRO DE COR MELADA

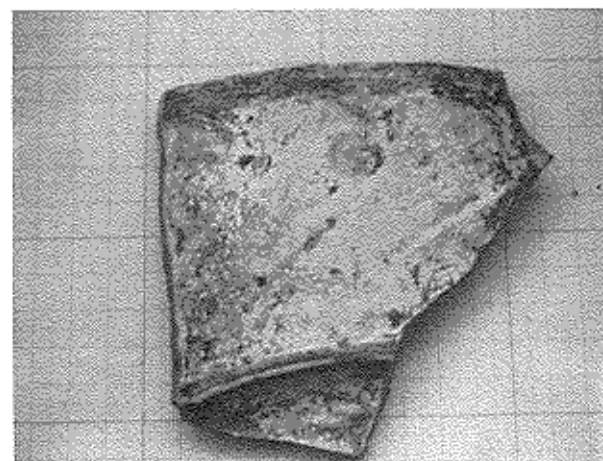


Fig. 5 - PRATO DE MAJÓLICA, DE BORDO LARGO E ESTRAVASSADO, COM VIVO AZUL E DECORAÇÃO INCISA EM LARGOS SSS